



## APRESENTAÇÃO

A relação entre arte, literatura, e loucura é um problema de duas mãos: por um lado, as figuras da loucura emergem em diferentes momentos na literatura; por outro, os estudiosos da loucura se voltam para essas imagens como forma de compreender as mutações nos conceitos de loucura através das eras. Em seu “História da loucura”, por exemplo, Michel Foucault (2019) analisa as imagens da loucura na literatura de cavalaria da Idade Média para formular como a loucura nem sempre foi entendida como doença ou transtorno, mas apresentava uma “dimensão estética”: “Na Idade Média, e depois no Renascimento, a loucura está presente no horizonte social como um fato estético ou cotidiano; depois, no século XVII – a partir da internação – a loucura atravessa um período de silêncio, de exclusão. Ela perdeu essa função de manifestação, de revelação que ela tinha na época de Shakespeare e de Cervantes” (Foucault, 2019, p. 163). Essa formulação foucaultiana ressoa com nossa experiência cotidiana, e com o resíduo ineliminável de loucura que lá reside. A insanidade da vida cotidiana e de seus absurdos pode devastar a psique, algo que não escapou a escritores modernos. A literatura moderna está repleta de histórias de enlouquecimento – da loucura da marginalização na *Metamorfose* de Franz Kafka à loucura dionisiaca de *O Lobo da Estepe* de Hermann Hesse (Axelrod-Sokolov, 2018), apontando para uma “linha de fuga” à tendência patologizante da psiquiatria moderna. Ao mesmo tempo, diversos escritores escreveram a partir da autobiografia, como Lima Barreto (2017) e Antonin Artaud (2022, 2023), sugerindo a tensão entre sofrimento e produção de vida que se encontra no cerne da experiência da loucura.

Foucault (2019, 2024) aponta como as diferentes visões da loucura são historicamente determinadas e apontam também para as mutações da relação entre loucura e linguagem. Em sua análise da “fala do louco”, o autor assinala que

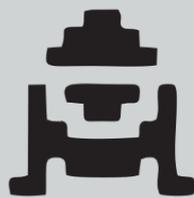
A fala do louco provoca reações que não são aquelas que ordinariamente respondem à fala cotidiana e normal das pessoas. A fala do louco é ouvida, mas é ouvida de tal maneira que lhe é conferido um *status* muito particular. Pensem, por exemplo, naquele curioso personagem que existia não só na literatura, mas também nas instituições da Idade Média cristã – e creio que esse personagem tem seu correspondente nas sociedades islâmicas: o personagem do bobo da corte (Foucault, 2024, p. 61).

De maneira importante, a função da “fala do louco” nas sociedades medievais será substituída, posteriormente, precisamente pela literatura:



Todavia, esse papel ambíguo de uma fala concomitantemente verdadeira e falsa, de uma fala sem seriedade e de uma fala que, não obstante, diz o essencial, o paradoxo de uma fala desprovida de poder que, não obstante, desvela algo mais importante do que todas as verdades que circulam, esse tema, essa ideia de uma fala tão curiosa, tão privilegiada, vocês sabem que ela não desapareceu de nossa civilização e que, de fato, existe uma fala mais importante ainda do que a do bobo da corte e que ela tem precisamente esse papel: a herdeira da fala do louco do rei é a literatura” (Foucault, 2024, p. 62–63).

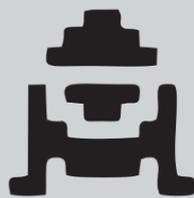
É precisamente por uma análise da relação entre loucura e literatura em Foucault que iniciamos o presente volume, que buscou se debruçar sobre a questão da relação entre loucura, linguagem, e literatura, tanto a partir da análise teórica quanto a partir da análise literária, e como podemos colocar as figuras da loucura para jogo em um campo crítico. O artigo “As figuras da loucura na literatura e na arte: Leituras foucaultianas sobre a construção histórica da loucura”, de Gabriely Rosa dos Prazeres, articula uma aproximação crítica possível dessa entre loucura e literatura, discutindo como as figuras da loucura evocadas por Foucault para discutir as mudanças históricas na concepção e tratamento. Essa crítica foucaultiana, presente em diversos artigos do presente volume, nos ajuda a implodir algumas simplificações da análise das figuras da loucura na literatura. Rieger (2011) propõe dividir, de maneira didática, as figuras da loucura na literatura a partir de três grandes eixos: a da escritora/escritor louco, que podemos identificar tanto em Antonin Artaud (2022, 2023) quanto em Virginia Woolf (alvo do artigo “Para Além Do Emblema Da Loucura: a possibilidade da produção de vida pela literatura na obra Orlando de Virginia Woolf (1928)”, de Isadora Francez Sassim, no presente volume); a das personagens “insanas”, como diversas figuras nas obras de Poe a Hesse (Axelrod-Sokolov, 2018; Thiher, 2009); e do uso de termos da psiquiatria e da psicologia para entender a loucura na literatura. A análise da “loucura do escritor” remonta a Platão, e parte da aproximação, já feita para o campo das artes plásticas, entre loucura e criatividade (Busine *et al.*, 1998; Silveira, 2015). Aqui, a loucura e o frenesi irracional e incontrolável que toma os escritores e os artistas geniais é a fonte primária para sua criatividade; mas também é nas raízes sociais da loucura, na sua interface com a misoginia, que encontramos a expressão literária de Virginia Woolf, Sylvia Plath, ou Emily Dickinson – essa última alvo do artigo “A morte como Refúgio: A Loucura e a Solidão nos Poemas de Emily Dickinson”, de Letícia Medrado e Juliana Portela Fonseca, publicado no presente volume. Outros, como Lima Barreto (2017), são efetivamente internados em manicômios devido a suas diversas dificuldades de saúde mental. Entretanto, é necessário evitar a “falácia autobiográfica” de sugerir que todos os elementos “insanos” de um dado texto refletem a “loucura” do escritor; essa falácia pode produzir, na melhor das hipóteses, uma crítica superficial da relação entre loucura e literatura.



Risco semelhante pode ser visto ao analisarmos a loucura dos personagens, como se fossem meros reflexos da loucura de seus criadores. No artigo de Aurora Cardoso de Quadros, “Variações e nuances da loucura em ‘A confissão de Lúcio’”, essa relação é implodida a partir da articulação dialética dos temas do descentramento do sujeito tanto na ficção quanto na vida cotidiana; aqui, se trata menos de utilizar os personagens para “analisar” o autor e mais uma forma de compreender como uma certa loucura “sociológica”, anômica, articula-se nas frestas entre ficção, autobiografia, e vida cotidiana. Os paradoxos da loucura, ao mesmo tempo afirmação de verdade e falsidade, nos permitem pensar a literatura como confabulação da loucura – ao mesmo tempo expressão de uma verdade e invenção dessa verdade. Esse paradoxo é articulado no artigo de André Alvares Usevicius, “O Paradoxo da Loucura em Thomas Harris: Analisando as pistas deixadas por Will Graham em Dragão Vermelho”, publicado no presente volume.

Se, por um lado, a terminologia psicológica e psiquiátrica foi muitas vezes utilizada para analisar a literatura, e vice-versa, assumida tanto por Freud quanto por Jung, mas também por autores da “Terceira força” existencial-humanista, por vezes essa análise arrisca reduzir eventos e personagens a meros feixes de sintomas (Rieger, 2011). Por outro lado, é possível articular uma *outra noção* nessa aproximação, tomando-se os conceitos foucaultianos de “estética da existência” e “cuidado/cultivo de si” (Foucault, 2022). “Cuidar de si” significa assumir a responsabilidade por suas ações e comportamentos, tanto em relação a si mesmo quanto aos que estão ao seu redor. Trata-se aqui de constatar o quanto a análise literária da loucura (e vice-versa) podem apontar para a crítica e a experimentação: os sujeitos passam a refletir sobre suas práticas e condutas a partir das figuras literárias, produzindo uma postura ativa de inquietação que se propõe a mobilizar a estruturação da relação consigo. Os artigos de Letícia Medrado e Isadora Francez Sassim apontam como, tanto para Virginia Woolf quanto para Emily Dickinson, a emergência da loucura na literatura é sobretudo um espaço produtivo de introspeção, autoconhecimento e criação artística, mais do que mero reflexo de uma loucura subjacente.

Assim, a *escrita de si* passa a *dizer uma verdade sobre si*, produzir novas formas de pensar a si e ao mundo e articular as dimensões pessoais e sociais do sofrimento, produzindo uma “fala concomitantemente verdadeira e falsa, de uma fala sem seriedade e de uma fala que, não obstante, diz o essencial” (Foucault, 2024, p. 62) sobre si, sobre o sujeito, e sobre os agenciamentos humanos. Atitude semelhante pode ser encontrada, de maneira paradoxal, na análise feita por André Alvares Usevicius, no artigo “O Paradoxo da Loucura em Thomas Harris: Analisando as pistas deixadas por Will Graham em Dragão Vermelho”, que articula uma linha desterritorializante e uma linha territorializante no personagem Will Graham.



Na esteira das reflexões sobre a loucura, temos o artigo “Matinta Perera e sua personificação no conto ‘A Feiticeira’, de Inglês de Sousa”, de Bianca Pereira Chaves e Nayara Rodrigues Santos, que aborda uma figuração insólita das personagens femininas. A Feiticeira apresenta indícios comportamentais semelhantes aos da lendária Matinta Perera, revelando tensões com personagens masculinos exploradores e articulando, assim, um contexto de resistência e proteção coletiva da natureza.

Já na sessão especial voltada aos estudos dos quadrinhos, observa-se uma relação direta com a cultura pop e suas diversas reverberações analíticas. No artigo “Vertentes do insólito japonês – manifestações de sublime e uncanny em Kimi ni todoke, de Karuho Shiina”, Samara Souza da Silva explora os limiares do insólito e o sublime nas narrativas gráficas japonesas, com destaque para o mangá de Karuho Shiina, revelando a riqueza estética e simbólica da cultura japonesa.

Para Gustavo Barbosa, no artigo “Superman: dos quadrinhos para o videogame”, desenvolve-se uma análise aprofundada que evidencia a complexa transposição do personagem icônico dos quadrinhos para a linguagem dos jogos eletrônicos. O autor propõe uma leitura sistematizada da relação entre essas mídias, mostrando como ambos os produtos culturais podem ser interpretados sob uma ótica filosófica e social. Por fim, no artigo “Quadrinhos no ensino da gramática normativa”, Nataniel dos Santos Gomes apresenta uma proposta pedagógica inovadora, utilizando os quadrinhos como ferramenta didática no ensino da norma culta da língua portuguesa. A pesquisa destaca como os elementos visuais e narrativos das HQs podem potencializar a aprendizagem gramatical de forma lúdica, crítica e eficaz.

Desejamos a todos uma excelente leitura

**Prof. Dr. Caio Maximino**

**Prof. Dr. Diego Frank Marques Cavalcante**

**Profa. Dra. Suellen Cordovil**